

O CUSTO DO ENSINO SUPERIOR DE VEZ EM QUANDO ... EM PORTUGAL

Sob a epigrafe de que nos servimos, inseriu «O Primeiro de Janeiro», de ante-hontem, um bem elucidativo artigo do ministro das finanças do ultimo governo constitucional da Republica, o sr. dr. Marques Guedes, que é, alem do grande estadista que se revelou na gerencia daquela pasta, um ilustre professor, financeiro e economista proficiente, e jornalista dos que sabem, com idéas e factos, fazer a mais util defeza das suas bem consciences convições politicas.

São desse artigo os dois quadros, que pedimos licença para transcrever, e que bem mostram a precipitação com que, em materia de instrução tantas vezes se legisla, sobre tudo quando á sombra dum facil arbitrio se procuram tirar feitos que, afinal, apenas veem a servir para melhor evidenciar a vacuidade e inconsciencia de quem, andando sempre ao sabôr dos ventos, por eles termina por sêr tristemente varrido.

Mas vamos aos quadros:

Gradação de Escolas em escala ascendente pelo n.º de alunos por cada professor. Ano lectivo de 1925-1926.

Escolas	Prof.	Alunos	N.º de al. por Prof.
Fac. Eng. do Porto . . .	24	60	2,5
Instituto Agronomia . . .	21	62	2,9
» Superior de Comercio do Porto . . .	22	69	3,1
Fac. Farmacia de Lisboa	11	35	3,2
» » » Coimbra	10	55	5,5
Fac. de Medicina de Lisboa	82	452	5,5
Fac. de Farmacia do Porto	11	63	5,6
Fac. de Letras do Porto	18	104	5,8
Escola Militar	35	220	6,3
Fac. de Letras de Coimbra	18	124	6,8
Fac. de Medicina de Coimbra	44	332	7,5
Fac. de Medicina do Porto	51	386	7,5
Faculdade de Letras de Lisboa	25	212	8,5
Inst. Sup. de Comércio de Lisboa	31	276	8,9
Inst. Superior Técnico	31	282	9,1
Fac. de Ciências do Porto	37	388	10,5
Fac. de Ciências de Coimbra	36	388	10,5
Fac. de Ciências de Lisboa	43	471	10,9
Escola de Medicina Veterinaria	9	99	11
Fac. de Direito de Coimbra	10	372	37,2
Fac. de Direito de Lisboa	17	642	37,7

Escolas agrupadas pela ordem crescente do custo dos seus alunos

Escolas	Custo do ensino por cada aluno (1925-26) em escudos
Faculdade de Direito de Lisboa	1.845
Faculdade de Direito de Coimbra	2.654
Instituto Superior de Comercio de Lisboa	2.854
Faculdade de Ciências do Porto	4.843
Faculdade de Medicina do Porto	5.095
Faculdade de Ciências de Coimbra	5.114
Faculdade de Letras de Lisboa	5.548
Faculdade de Ciências de Lisboa	5.757
Instituto Superior Técnico (Lisboa)	6.252
Faculdade de Medicina de Coimbra	6.567
Faculdade de Farmacia do Porto	7.049
Faculdade de Farmacia de Coimbra	7.978
Faculdade de Letras de Coimbra	8.761
Faculdade de Letras do Porto	8.864
Escola de Medicina Veterinaria (Lisboa)	9.458
Instituto Superior de Comercio do Porto	10.170
Escola Militar	11.547
Faculdade de Farmacia de Lisboa	14.472
Faculdade de Engenharia (Porto)	16.739
Instituto Superior de Agronomia (Lisboa)	22.720

E' edificante. Enquanto a faculdade de engenharia, do Porto, ultimamente ampliada, tem 24 professores para 60 alunos, ou sejam 2,5 por professor, a faculdade de direito de Lisboa, tambem ultimamente suprimida, tem 17 professores para 642 alunos, ou sejam 37,7 alunos por professor. E enquanto o custo de cada aluno desta ultima faculdade é de 1.845 escudos, o de cada aluno da primeira é de 16.739 escudos.

Mas esta ampliou-se e aquela suprimiu-se.

O leitor faça as considerações que entender.

Chapelaria Ultima Moda

— DE —

ANTONIO MOREIRA

R. Inf. D. Henrique, 5 a 7

Variado sortido em chapéus, bonets e guarda-soes.

Preços s'm competencia

Nós, portugueses, temos o pessimo habito de dar pouco uso ao raciocinio.

Assim succede que, quando lá fora alguém manifesta a sua ignorancia a respeito das coisas da nossa terra, indignamo-nos invocando para isso uma argumentação toda baseada em razões sentimentais.

Recordamos a grandiosidade dos nossos avós; falamos da indesmentivel simpatia pelos que, muitas vezes, nos agravam.

Exijimos-lhes conhecimentos profundos da nossa historia, da nossa literatura, das condições geograficas do nosso paiz. Emfim, uma solida bagagem que por cá raros possuem.

E o leitor deve recordar-se, ainda, da barulheira infernal que fizeram nos periódicos, a propósito dum cocheiro que, em Paris, indagou dum nosso compatriota se Portugal ficava no Transvaal.

O que pr'aí se disse, Santo Deus!

Chasquearam do homensinho, indignaram-se, pintaram o demonio.

E houve menino que, com enfase catedrática, nas colunas das gazetas, concluiu que, positivamente, a França estava longe de ser um paiz culto.

Ora manda a verdade dizer que, na realidade, em Portugal, um cocheiro a quem perguntassem a situação da Patria de Victor Hugo, não citaria, como o francês, o Transvaal. E isto muito simplesmente porque os cocheiros portuguezes se não entregam ao luxo de conhecer, até, a existencia do proprio vocabulo.

Não concluem, destas considerações, que deixo de lastimar o pouco que sômos conhecidos pelos estrangeiros.

De maneira nenhuma.

Mas rematado disparate é culpal'os duma ignorancia cuja origem é a nossa falta, lá fora, de afirmação politica, artistica, litteraria, scientifica etc.

Metemo-nos em casa hermeticamente enferrolhados, e quando, para estirar as pernas, despiamos o pijame e descalçamos as pantufas, ao constatar que na rua ninguem nos cumprimenta, limitamo-nos a regressar ao cardenho apopléticamente indignados...

Estão no «Olimpia» altos dignitarios da extinta côrte Russa que, constituindo uma orquestra, veem por esse mundo de Christo em busca daquilo que *in illo tempore*, na sua Pa-



Regressou de Lisboa, onde demorou alguns dias, o sr. Augusto Fortunato dos Santos Ferreira, acompanhado de sua filha sr.ª D. Laurinda Ferreira.

—Esteve nesta vila o sr. Custodio Santos, chefe da secretaria de Finanças de Vila do Conde.

—Chegou do Rio de Janeiro o nosso conterraneo sr. João Pires da Silva, conceituado comerciante naquela praça.

Tenciona demorar-se alguns meses.

—Foi-nos apresentado pelo seu irmão sr. Inacio de Freitas, empregado de ourivesaria nesta vila, o sr. Antonio de Freitas, do Porto.

—Esteve em Braga o sr. Antonio Afonso Roriz Pereira.

tria lhes era assegurado, sem maçadorias nem canceiras, pela qualidade do seu nascimento.

Fadou-os Deus, ao que parece, para a arte divina de dedilhar no piano, arrancar acordes do violino...

E se a brutalidade arrogante, que nos seus tempos luminosos passeavam por entre legiões de servos, despedia a faisca incendiaria duma Omnipotencia intoleravel, a magia da alma dá-lhes a *frauta* do encantador de serpentes...

As ordens de «Suas Altezas» venciam; a Arte dos «Mestres» convence.

Por isso, os altos dignitarios de que falo conquistaram, afinal de contas numa suposta adversidade, a unica inviolavel soberania...

Fui hontem apresentado a uma jovem poetisa cuja maior ambição é casar com um homem célebre.

Boxeur ou poeta, soldado ou escritor.

Indiferente, desde que seja célebre.

Eu achei bem.

Mas ainda gostava de a ouvir no dia em que ella houvesse verificado que os homens célebres, como os outros, não estão isentos de padecer horrivelmente do estômago ou dos intestinos...

Como os outros, usam cuecas...

E, ainda como os outros, temem, por vezes, appetites sórdidos de bacalhau com todos e varias comezainas puxavantes...

Porto, 27-4-928.

Eusebio

A. VENCADO

D. Antonio Barroso

Educação e Ensino

As Misericórdias

É do teor seguinte a circular dirigida a grande numero de barcelenses, que residem no estrangeiro, sobretudo no Brazil, solicitando donativos pecuniarios para homenagear o grande Missionario e excelso Bispo que foi D. Antonio Barroso.

Para perpetuar a memoria de tão illustre e inclito varão tudo o que se possa fazer não é demasiado.

Diz a circular:

Ex.^{mo} Senhor

Não se cumpriu ainda um dever para com a memoria dum português illustre que especialmente em Africa, tão assinalados serviços prestou á Patria e á Igreja.

Não se homenageou ainda condignamente, o nome do saudoso prelado D. Antonio Barroso, que foi Bispo do Porto, nome que se tão querido é de todos os barcelenses, seus patricios, muito respeitado é, e justamente, de todos os portugueses.

É uma divida que está por saldar, mas em que verdadeiramente tem responsabilidade toda a nação porque o Missionario Barroso não foi só orgulho de Barcelos, mas sim da patria inteira.

Um grupo de barcelenses, de que fazem parte representantes da Camara Municipal, Associação Commercial, Sindicato Agricola, Clero, Imprensa e proprietarios do concelho, constituídos em comissão, procuram reparar essa falta orgulhando-lhe na parte mais central da vila—no Campo da Republica—um monumento com a sua estatua, mas monumento que seja digno de tão avantajada figura.

Para levar, porem, a efeito esse empreendimento é preciso reunir avultada quantia e por essa razão os sinatarios se dirigem a V. Ex.^a solicitando-lhe o obsequio de subscrever para tão merecida homenagem.

Crentes de que V. Ex.^a não deixará de honrar com o seu nome a lista dos subscriptores do monumento, anticipam o mais reconhecido agradecimento.

A Comissão

Presidente, Francisco Filipe de Santos Caravassa, Secretario, João Carlos Coelho de Cruz, Vogais, Padre Francisco Rios Novais, Joaquim Guslberto de Sá Carneiro, Augusto Matos Lopes de Almeida, José Gomes de Matos Graça, José Simões da Silva Trigueiros, Rogerio Calás e Manoel Carvalho da Silva.

RECORTES

Na Escola Primária o prof. Pepino Leônidas falando da protecção que o Estado deve dar ás familias numerosas, diz:

«Mas que vemos, por equanto, a este respeito entre nós?

Alem desta ancia de protecção á familia numerosa que já se vai, felizmente, accentuando na imprensa portuguesa nós, vemos que o Estado continua a ignorar a alta importancia de uma nação fecunda em cidadãos prestantes. O unico esboço de protecção á familia numerosa que eu conheço em Portugal, é o gesto patriótico, consciente e revelador de uma mentalidade profunda, do eminente bispo aster de Coimbra, oferecendo-se generosamente para padrinho do setimo filho de todos os seus diocesanos.

Gloria, louvor e honra ao grande prelado, guarda-avanzada de uma ideia extraordinariamente humanitaria, que a Dittadura—tenha essa fé—há de ainda pôr em pratica, para seu prestigio, e para maior felicidade da nossa Patria linda».

Por ser pouco conhecido o gesto simpatico do venerando prelado aqui o deixamos arquivado, para que todos hajam de o apreciar devidamente.

Não somos, e com toda a franqueza e a máxima lealdade aqui o declaramos, um tecnico no verdadeiro significado do termo, em matéria de Ensino, como não possuímos tambem a louca e pretenciosa veleidade do conselho e do alvitre.

Somos, simplesmente, um humilde professor primário, sem outros méritos que não sejam o grande amor e o desvelado carinho que sentimos e dedicamos á Educação Popular, e sequentemente á Escola.

No entanto, atraioariamos a nossa consciencia de homem, de português e mormente de professor se, ao conhecermos a série infundavel de falsas concepções que muitos fazem do Ensino e da Escola, e ao verificarmos os ataques malévolos, traiçoeiros e verdadeiramente criminosos que muitos outros lhes preparam e sistematicamente lhes dirigem, não levantássemos o nosso protesto e não declarássemos publicamente quanto tudo isso nos magoa e nos revolta.

E essa mágoa recrudescer tanto mais no nosso espirito, e esta revolta enerva tanto mais a nossa sensibilidade, quanto á verdade que, se pretendéssemos fundamentar as causas de tam flagrantes erros, as teriamos de ir basear num conjunto de doencas psicologicas que anormalizam os primeiros e num conjunto de falsas ideias, num odio sem limites á sociedade, á sua harmonia e paz conjunta que caracterizam os segundos.

Evidentemente que o primeiro caso é um rebento do ostracismo a que a causa máxima— a Educação Nacional—foi lançada pelas classes mentoras e dirigentes, e o segundo o resultado dum falso idealismo, dum desejo insatisfeito, dum desprezo absoluto e incompreensivel pelos principios da ordem geral, erros que muitos cultivam no seu intimo e pretendem generalizar á colectividade por processos e artimanhas que reclamam um correctivo tam urgente como enérgico.

Pensa-se, não como determina a inteligencia e segundo as normas da Razão, mas como convem aos instintos da perfeita animalidade; desenvolve-se a actividade, não como reclama o equilibrio económico e regular do nosso viver morigerado, mas

segundo as exigencias do viver moderno, da vida de fausto e da orgia, sem rumo, sem norte, sem finalidade; trata-se, enfim, não como deveria tratar-se dentro do respeito merecido e dos direitos legitimamente adquiridos, mas como impõe o interesse grosseiro e egoista que descredita o homem e o inferiorisa na escala animal.

Daí o erro. Daí o contracenso pecaminoso que preside ao espirito de muitos, que os cega e avilta e os conduz á empresa tam estúpida como inconfessavel da anarquização dos principios sociais, da deturpação da verdade claramente demonstrada, por feita e salutar!

E assim, para muitos desses selvagens civilizados, a Escola não é um templo donde jorram raios de luz, de vida e de amor; é um antro donde sai o virus purulento que destroi o amontoado balófo dos seus imbecis argumentos; para esses sábios-ignorantes, a Escola não construi, arruina; para esses apostolos de doutrinas miseraveis e dissolventes, os ensinamentos e os principios que a Escola cria e estabelece no espirito das gerações, são puros convencionalismos que escravizam a sociedade, são produtos de espiritos desequilibrados, que desonram a espécie e desqualificam a intelligencia.

Felizmente, esse grupo de instintos malévolos não constituem ainda uma força invencivel e a contrapôr-se á sua forma de ver e de agir, outra corrente com finalidade mais perfeita se move a corrente dos novos, dos equilibrados, dos que amam a ordem e a paz progressiva e que reconhecem a Escola como o unico factor de a fomentar e desenvolver.

Porém, para que os efeitos destes sejam rapidos e de resultados constructivos, urge que os indiferentes ingressem no seu numero e que todos norteados pela mesma luz, dedicada e decididamente auxiliem a missão do professor que hoje, mais do que nunca pretende demonstrar ao País até onde chega o seu sacrificio e quanto caminho e dedicacão lhe merece o problema da formação do espirito dos futuros homens de amanhã.

Anselmo de Araujo

PELO PAÍS

Pequenas noticias

Povoa de Varzim—Já estão alugadas muitas casas no bairro balnear e de outras ruas da vila, indicando assim que a epoca de banhos no corrente ano será muito concorrida.

Coimbra—Os marchantes comunicaram ao Governador Ci-

vil que haviam resolvido diminuir um escudo em cada quilo de carne.

Guimarães—Esta cidade prepara-se para comemorar solenemente o VIII centenario da Batalha de S. Mamede, no dia 23 de Junho, uma das datas mais historicas para a independencia de Portugal.

A batalha deu-se junto do castelo de Guimarães.

O recente decreto sobre a função das Misericórdias, dando uma nova orientação aos seus serviços, conferindo-lhes garantias, e concedendo-lhes mais regalias, ficam determinadas no que resumidamente vamos dizer:

Autorisar o Ministro do Interior a dissolver as Misericórdias, substituindo-as por comissões administrativas. Estas comissões terão os poderes de admitir novos Irmãos e modificar os Estatutos sem interferencia da Assembleia Geral.

A Misericórdia é atribuida a função official de directora da assistencia; congregará os restantes organismos similares; a aprovação das suas contas e dos outros organismos reunidos fica dependente do Ministerio do Interior. Estabelece-se para regularização de todas as Misericórdias um Conselho de Inspeção das Misericórdias. Esse Conselho terá de elaborar um Código das Misericórdias.

A federação destas é permitida, mas requerer-la-hão ao Ministerio indicando detalhadamente os fins que desejam em conjunto.

Setenta por cento dos fundos de assistencia atribuidos a cada concelho pertencerá ás Misericórdias respectivas. Se nos concelhos não ha Misericórdia 50 por cento desses fundos vão para a Misericórdia distrital, que tomará a seu cargo a hospitalização dos doentes pobres, e a manutenção dos indigentes.

O adicional a que se refere o artigo 13 do decreto 10242 de 1 de novembro de 1924 pode ser elevada a 10 por cento nos concelhos em que haja Misericórdias.

As Misericórdias ficam isentas de varios selos, custas, e contribuições. São dispensados das leis de desamortização os seus predios.

Os legados pios não cumpridos serão entregues á Misericórdia local: as taxas das missas desses legados são, para o efeito, elevadas a 10\$00. Nos hospitais das Misericórdias haverá postos de registo civil privativo.

Nos hospitais das Misericórdias podem ser admitidas enfermeiras religiosas, mas ser-lhe ha vedado sair de habitos tulares.

Podem as Misericórdias organizar quadros de pessoal e admitir qualquer numero de medicos uma vez que estes prestem serviços gratuitamente.

O pessoal tem direito a aposentação e deve ser reduzido ao minimo.

Vinte por cento das heranças jarentes constituirá receita da Misericórdia de concelho da naturalidade do autor da herança. Os haveres de organismos de assistencia que se extinguirem ou forem dissolvidos, serão atribuidos á Misericórdia.

As Camaras darão anualmente uma verba ás Misericórdias que mantem hospital para tratamento dos doentes pobres do concelho. Para as Misericórdias transita encargo da hospitalização desses doentes. Serão organizados cadastros dos individuos a quem deve ser dada essa hospitalização.

As Misericórdias é atribuido o encargo da extincção da mendicidade, dentro de seis meses. Para isso são estabelecidos varios pontos, que regulam essa extincção.

As despesas resultantes de tratamentos por mordeduras de animais raivosos, ficarão a cargo dos donos desses animais.

Até ser concluido um inquerito rigoroso sobre as necessidades financeiras das Misericórdias, a distribuição dos fundos de Assistencia é feita por uma tabela anexa.

SACOS DE PAPEL

Primeira 1\$55
Segunda 1\$30

Bonus aos revendedores
Pedidos a

Ferreira Dias, Limitada
Barcelos